

LIÇÃO 4 - O Verdadeiro e o Falso como Ente e Não-Ente. O Ente Acidental e o Ente no Sentido do Verdadeiro São Excluídos Desta Ciência

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 4: 1027b 17-1028a 6

“ 556. Novamente, o ente no sentido do verdadeiro e o não-ente no sentido do falso [não devem ser considerados], pois tal ente depende de composição e separação, e estas tomadas em conjunto formam ambas as partes de uma contradição. Pois a verdade reside na afirmação de um lado de uma contradição quando há composição, e na negação quando há separação. Mas a falsidade consiste no inverso desta divisão.

557. Mas como o intelecto [vem a entender coisas que são compostas e separadas, seja] juntas ou separadamente, pertence a outra discussão; e por entender coisas juntas ou separadamente quero dizer entendê-las não sucessivamente, mas na medida em que formam uma unidade.

558. Pois o que é verdadeiro e o que é falso não estão nas próprias coisas, de modo que o que é bom é verdadeiro e o que é mau é falso, mas apenas na mente. E com relação aos conceitos simples e à quiddidade das coisas não há nem verdade nem falsidade na mente. Portanto, as coisas que devem ser investigadas sobre ente e não-ente neste sentido devem ser consideradas mais tarde (806).

559. Mas uma vez que a composição e a separação existem no pensamento e não nas coisas, e o ente neste sentido é diferente do ente nos sentidos próprios (pois estes são ou o que uma coisa é, ou de que qualidade, ou de que

quantidade, ou qualquer outra coisa que a mente compõe ou separa), então o ente no sentido do que é accidental e o ente no sentido do que é verdadeiro devem ser omitidos desta ciência. Pois a causa do primeiro é o indeterminado, e do último algum estado positivo da mente; e ambos pertencem à classe restante de ente e não indicam a existência de qualquer tipo definido de ente fora da mente. Por esta razão, então, excluamo-los de nosso estudo, e procuremos as causas e princípios do ente enquanto ente. Agora, a partir de nossas discussões sobre os diferentes significados das palavras, é evidente que ente é usado em vários sentidos (435).

COMENTÁRIO

O "ente" das proposições não é o sujeito desta ciência.

1223. Tendo tirado suas conclusões sobre o ente accidental, o Filósofo agora resolve a questão sobre o ente que significa a verdade de uma proposição; e em relação a isso ele faz duas coisas. Primeiro (556:C 1223), ele determina o significado deste tipo de ente. Segundo (1241), ele o exclui do estudo principal desta ciência ("Mas uma vez que a composição").

Em relação ao primeiro ele faz três coisas. Primeiro, ele determina o significado deste tipo de ente. Segundo (1227), ele responde a uma questão ("Mas como o intelecto"). Terceiro (1230), ele esclarece uma afirmação que havia feito ("Pois o que é verdadeiro").

Ele diz, então, que "em um sentido ente significa o que é verdadeiro", i.e., não significa nada além da verdade; pois quando perguntamos se o homem é animal, a resposta é que ele é, pelo que se entende que esta proposição é verdadeira. E da mesma forma, não-ente significa em um sentido o que é falso; pois quando alguém responde que ele não é, entende-se que a afirmação feita é falsa. Ora, este 'ente que significa o que é verdadeiro, e não-ente que significa o que é falso, dependem de composição e separação; pois termos simples não significam nem verdade nem falsidade, enquanto termos complexos têm verdade e falsidade através da afirmação ou negação. E aqui a afirmação é chamada de composição porque significa que um predicado pertence a um sujeito, enquanto a negação é chamada de separação porque significa que um predicado não pertence a um sujeito.

1224. Além disso, visto que as palavras são signos dos conceitos, devemos falar do mesmo modo acerca dos conceitos do intelecto; pois aqueles que são simples não possuem verdade e falsidade, mas apenas aqueles que são complexos por meio de afirmação ou negação.

1225. E, uma vez que o ser e o não ser mencionados — o verdadeiro e o falso — dependem da combinação e da separação, eles também dependem, portanto, da divisão de uma contradição; pois cada parte de uma contradição separa o verdadeiro e o falso um do outro, de modo que uma parte é verdadeira e a outra é falsa. Porquanto, como uma contradição é constituída por uma afirmação e uma negação, e cada uma destas é constituída por um predicado e um sujeito, então um predicado e um sujeito podem ser relacionados entre si de duas maneiras; porque ou estão conectados na realidade, como homem e animal, ou estão desconectados, como homem e asno.

1226. Portanto, se duas contradições são formadas, uma a partir de termos conectados, como “O homem é um animal” e “O homem não é um animal”, e outra a partir de termos desconectados, como “O homem é um asno” e “O homem não é um asno”, então a verdade e a falsidade dividem cada contradição entre si, de modo que a verdade, de seu lado, “reside na afirmação quando há combinação”, i.e., em termos conectados, e “na negação quando há separação”, i.e., em termos desconectados. Pois estas duas proposições “O homem é um animal” e “O homem não é um asno” são verdadeiras. Mas a falsidade, de seu lado, reside no oposto desta divisão, i.e., na contraditória daquelas afirmações que caem do lado da verdade, porque consiste em negar termos conectados e em afirmar termos desconectados; pois estas duas proposições “O homem não é um animal” e “O homem é um asno” são falsas.

1227. **Mas como [o intelecto]** (557).

Aqui ele afasta um problema que poderia surgir das observações anteriores. Pois ele disse que o verdadeiro e o falso consistem secundariamente na combinação e separação das *palavras*, mas primária e propriamente na combinação e separação que o *intelecto* faz. Ora, toda combinação e separação envolve uma pluralidade, e, portanto, pode surgir o problema de como o intelecto entende as coisas que são combinadas e separadas, se juntas ou separadamente. Mas ele diz que isso pertence a outra discussão, a saber, *Sobre a Alma*.

1228. Ora, *junto* é usado em dois sentidos. (1) Pois às vezes significa uma unidade, como quando dizemos que aquelas coisas que existem num mesmo instante estão juntas no tempo; e (2) às vezes significa a conexão e proximidade de coisas que se sucedem, como quando dizemos que dois homens estão juntos no lugar quando seus lugares são unidos e próximos um do outro, e no tempo quando seus tempos se sucedem. E, sendo assim, ele responde à questão proposta, que pergunta se o intelecto entende as coisas que são combinadas ou separadas, juntas ou separadamente, dizendo que não as entende juntas segundo o modo como algumas coisas são ditas estar juntas (~) na medida em que se sucedem, mas (+) segundo o modo como são ditas estar juntas na medida em que formam uma coisa.

1229. E desta maneira ele indica a solução desta questão. Pois (1) se o intelecto entende um homem e um animal como eles são em si mesmos, como duas coisas distintas, ele os entende sucessivamente por dois conceitos simples, sem formar a partir deles uma afirmação ou uma negação. Mas (2) quando os combina ou os separa, ele os entende ambos como uma coisa, i.e., segundo o modo como uma coisa é constituída a partir deles; assim como o intelecto também entende as partes de um todo como uma coisa ao entender o próprio todo. Pois o intelecto não entende uma casa entendendo primeiro a fundação, depois as paredes e depois o telhado, mas entende todas estas juntas na medida em que uma coisa é constituída a partir delas. E de modo semelhante, ele entende um predicado e um sujeito juntos na medida em que um juízo é constituído a partir deles, a saber, uma afirmação ou uma negação.

1230. **Pois o que é verdadeiro** (558).

Ele explica uma afirmação que havia feito, de que a verdade e a falsidade consistem em combinação e separação; e prova isso por meio do processo de eliminação. Pois algumas das coisas significadas por uma palavra são encontradas nas coisas fora da mente, mas outras são

encontradas apenas na mente. Pois o branco e o preto são encontrados fora da mente, mas seus conceitos são encontrados apenas na mente. Ora, alguém poderia pensar que o verdadeiro e o falso também são encontrados nas coisas, assim como o bem e o mal, de modo que o verdadeiro é um tipo de bem e o falso um tipo de mal; pois isso seria necessário se a verdade e a falsidade fossem encontradas nas coisas, já que a verdade significa uma certa perfeição da natureza, e a falsidade um defeito. Além disso, toda perfeição existente nas coisas pertence à perfeição e bondade de sua natureza, enquanto todo defeito e privação pertence ao mal.

1231. Mas ele nega isso, dizendo que o verdadeiro e o falso não são encontrados nas coisas de tal modo que aquilo que é verdadeiro da parte da razão seja um tipo de bem natural, e aquilo que é falso um tipo de mal, mas “são encontrados apenas na mente”, ou intelecto.

1232. O intelecto, no entanto, tem duas operações. Uma delas é chamada de entendimento dos indivisíveis, e esta é a operação pela qual o intelecto forma conceitos simples das coisas ao entender a quiddidade de cada uma delas. A outra operação é aquela pela qual o intelecto combina e separa.

1233. Ora, embora a verdade e a falsidade estejam na mente, elas não pertencem àquela operação pela qual a mente forma conceitos simples e a quiddidade das coisas. É isso que ele quer dizer quando afirma “com relação a conceitos simples e à quiddidade das coisas, não há nem verdade nem falsidade na mente”. Portanto, como resultado deste processo de eliminação, segue que, uma vez que a verdade e a falsidade não estão nem nas coisas nem na mente quando esta apreende conceitos simples e a quiddidade das coisas, elas devem pertencer primária e principalmente à combinação e separação que a mente realiza, e secundariamente àquela das palavras, que significam as concepções da mente. Além disso, ele conclui que tudo o que deve ser considerado sobre o ser e o não ser neste sentido, a saber, na medida em que o ser significa o verdadeiro, e o não ser o falso, “deve ser considerado mais adiante”, i.e., no final do Livro IX (1895), e também em *Sobre a Alma*, e em suas obras de lógica. Pois toda a lógica parece ser dedicada ao ser e ao não ser falados desta maneira.

1234. Ora, deve-se notar que qualquer tipo de conhecimento atinge sua completude como resultado da semelhança da coisa conhecida existente no sujeito cognoscente. Portanto, assim como a completude da coisa conhecida depende de esta coisa ter o tipo de forma que a faz ser tal e tal coisa, de modo semelhante a completude do ato de conhecer depende de o sujeito cognoscente ter a semelhança desta forma.

Além disso, assim como a coisa conhecida é dita boa porque tem a forma que deveria ter, e má porque é deficiente de algum modo, de modo semelhante o conhecimento do sujeito cognoscente é dito verdadeiro porque este sujeito possui uma semelhança da coisa conhecida, e falso porque seu conhecimento fica aquém de tal semelhança.

Portanto, assim como o bem e o mal designam perfeições das coisas, de modo semelhante a verdade e a falsidade designam perfeições do conhecimento.

1235. Mas, embora na percepção sensorial possa haver uma semelhança da coisa conhecida, não pertence aos sentidos conhecer a formalidade dessa semelhança, mas apenas ao intelecto.

Portanto, mesmo que os sentidos possam ser verdadeiros em relação aos objetos sensíveis, eles ainda não podem conhecer a verdade, mas apenas o intelecto pode fazer isso. E é por isso que se diz que a verdade e a falsidade estão na mente.

1236. E embora o intelecto tenha em si mesmo uma semelhança das coisas conhecidas, na medida em que forma conceitos de coisas incomplexas, ele não faz por essa razão um *juízo* sobre essa semelhança. Isso ocorre apenas quando ele combina ou separa. Pois quando o intelecto forma o conceito de animal racional mortal, ele tem em si mesmo uma semelhança do homem; mas não sabe por essa razão que possui essa semelhança, uma vez que não julga que "O homem é um animal racional mortal". Há verdade e falsidade, então, apenas nesta segunda operação do intelecto, segundo a qual ele não apenas possui uma semelhança da coisa conhecida, mas também reflete sobre essa semelhança ao conhecê-la e ao fazer um juízo sobre ela. Portanto, é evidente a partir disso que a verdade não se encontra nas coisas, mas apenas na mente, e que depende da combinação e da separação.

1237. E se uma coisa às vezes é dita falsa, e o mesmo se aplica a uma definição, isso será assim em referência à afirmação e à negação. Pois uma coisa falsa, como se diz no final do Livro V (1128), significa (a) algo que de modo algum existe (por exemplo, a comensurabilidade de uma diagonal) ou (b) algo que existe, mas está naturalmente disposto a aparecer de outra forma do que é.

Similarmente, uma definição é dita falsa, seja porque não é a definição de nenhuma coisa existente, seja porque é atribuída a algo diferente daquilo do qual é a definição. Pois é evidente que a falsidade é dita estar nas coisas ou nas definições em todas essas maneiras por causa de uma afirmação falsa feita sobre elas.

1238. O mesmo é evidente no caso da verdade. Pois uma coisa é dita verdadeira quando possui a forma própria que se mostra presente nela; e uma definição é dita verdadeira quando realmente se ajusta à coisa à qual é atribuída.

1239. Também é evidente que nada impede que a verdade seja um tipo de bem, na medida em que o intelecto cognoscente é tomado como uma coisa. Pois, assim como toda outra coisa é dita boa por causa de sua perfeição, de maneira semelhante, o intelecto que conhece é dito bom por causa de sua verdade.

1240. Também é evidente, a partir das afirmações feitas aqui, que o verdadeiro e o falso, que são objetos do conhecer, encontram-se na mente, mas que o bem e o mal, que são objetos do apetite, encontram-se nas coisas. E também é evidente que, assim como o ato de conhecer atinge sua completude como resultado das coisas conhecidas existirem no sujeito cognoscente, de maneira semelhante, todo apetite atinge sua completude como resultado da ordenação do sujeito apetitivo em direção aos seus objetos apetecíveis.

1241. **Mas, uma vez que a combinação** (559).

Aqui ele exclui o ser no sentido do verdadeiro e o ser no sentido do accidental da consideração principal desta ciência. Ele diz que a combinação e a separação, das quais dependem a verdade e a falsidade, encontram-se na mente e não nas coisas; e que, se alguma combinação também se

encontra nas coisas, tal combinação produz uma unidade que o intelecto entende como uma por um conceito simples. Mas aquela combinação ou separação pela qual o intelecto combina ou separa seus conceitos encontra-se apenas no intelecto e não nas coisas. Pois consiste em uma certa comparação de dois conceitos, sejam esses dois idênticos ou distintos na realidade. Pois às vezes o intelecto usa um conceito como dois quando forma uma combinação, como quando dizemos "O homem é homem"; e disso fica claro que tal combinação se encontra apenas no intelecto e não nas coisas. Portanto, tudo o que é um ser no sentido do verdadeiro, e consiste em tal combinação, difere daquelas coisas que são seres no sentido próprio e são realidades fora da mente, cada uma das quais é "ou o que uma coisa é", i.e., substância, ou de que tipo, ou quanto, ou qualquer um dos conceitos simples que a mente combina ou separa.

1242. Portanto, tanto o ser no sentido do accidental quanto o ser no sentido do verdadeiro devem ser excluídos desta ciência. Pois a causa do primeiro — o ser no sentido do accidental — é o indeterminado e, portanto, não cai no escopo da arte, como foi mostrado (1174); e a causa do último — o ser no sentido do verdadeiro — é "algum estado positivo da mente", i.e., a operação do intelecto combinando e separando, e, portanto, pertence àquela ciência que estuda o intelecto.

1243. Outra razão para excluí-los é que, enquanto "ambos esses", a saber, o ser no sentido do verdadeiro e o ser accidental, (+) pertencem a alguma classe de ser, (~) eles não pertencem ao ser no sentido próprio, que se encontra na realidade. Nem designam outro tipo de ser distinto dos seres no sentido próprio. Pois é evidente que o ser accidental é um resultado da conexão coincidente de seres que existem fora da mente, cada um dos quais é um ser por si mesmo. Pois, embora o "gramatical musical" tenha ser apenas accidentalmente, tanto o gramatical quanto o musical são seres no sentido próprio, porque cada um desses tomado por si mesmo tem uma causa definida. Similarmente, o intelecto combina e separa aquelas coisas que estão contidas nas categorias.

1244. Se, então, a classe de ser contida nas categorias for suficientemente tratada, a natureza do ser accidental e do ser no sentido do verdadeiro será evidente. E por essa razão devemos excluir esses tipos de ser e investigar as causas e os princípios dos seres enquanto seres no sentido próprio. Isso também é evidente a partir do que foi estabelecido no Livro V (885), onde, ao discutir os diferentes sentidos de tais termos, foi afirmado que o ser é usado em muitos sentidos, como se segue abaixo no início do Livro VII (1240).

Revision #2

Created 15 September 2026 22:55:27 by Admin

Updated 15 September 2026 23:03:35 by Admin